



{SUPLEMENTO.

AUGUSTO DE CAMPOS BALANÇO
DE MÁRIO REIS + 80 ANOS DE
AFFONSO ÁVILA + O LIVRO DOS
NOMES **MARIA ESTHER MACIEL**
+ **RICARDO LIMA CARO** ACORDAR
+ **NELSON MARAJÁ** 36 HORAS SEM
VER PARIS + **JOAQUIM BRANCO**
EVOCA GUILHERMINO CÉSAR.

DE FESTAS, FESTEJOS E FESTINS

Era agosto de 1963 e acontecia, em Belo Horizonte, a Semana Nacional de Poesia de Vanguarda, organizada por Affonso Ávila. Aí, juntamente com ele, Augusto e Haroldo de Campos, Paulo Leminski, Benedito Nunes, Décio Pignatari, Laís Corrêa de Araújo, Pedro Xisto e outros mais reivindicavam uma nova responsabilidade para o poeta, exigindo-lhe “uma re-situação perante a linguagem”: engajamento com a realidade nacional e empenho na criação crítica de novas formas.

Tomemos hoje, em 2008, quando completa oitenta anos, esse momento pontual na trajetória de Affonso Ávila como emblema de sua importância para a literatura brasileira. Rendendo homenagem a esse que foi um de seus fundadores, o *Suplemento Literário* traz alguns poemas de sua autoria, nos quais podemos flagrar sua dicção e seu humor muito característicos. A seu lado, estão ainda Júlio Castañon – ressaltando o diálogo que o poeta, em sua obra, estabelece com a tradição, ao mesmo passo que investiga novas possibilidades criativas – e Melânia Silva de Aguiar – com uma bela e delicada leitura do livro *Cantigas do falso Alfonso el Sabio*.

Também em ritmo festivo (comemorando dois centenários – o de Mário Reis e o de Guilhermino César, respectivamente), Augusto de Campos, já no título de seu ensaio, “Mário Noel Orlando João”, arma-nos uma equação que propõe novas relações de influência e apropriação (crítica) entre os compositores/intérpretes Mário Reis, Noel Rosa, Orlando Silva e João Gilberto. Joaquim Branco, por sua vez, relembra o percurso do escritor e pesquisador mineiro Guilhermino César, que, quando jovem, foi um dos idealizadores da revista *Verde* e, mais tarde, como intelectual, promoveu a divulgação da obra de Qorpo-Santo.

É ainda sob o signo da festa – o Purim, ou Festa dos Sorteios – que Letícia Malard abre sua resenha de *O livro dos nomes*, de Maria Esther Maciel, para evocar a condição fragmentária e paródica da obra, composta de “vinte e seis histórias curtas que se entrelaçam, cada qual dividida em quatro partes e precedida por um texto explicativo da etimologia do nome próprio”. Assim, tramam-se na escrita infinitos jogos de linguagem, em que se “embaralham não só as Cartas do Mistério da Vida. Mas também as ‘folhas dos infólios’, como diria Macbeth pala boca de Italo Calvino”.

Celebremos, pois.

Camila Diniz (Editora) | Paulo de Andrade (Assessor Editorial)



CAPA: DANIELA GOULART. *Aquário*, 2008.

Daniela Goulart é fotógrafa desde 1993, Mestre em Artes Visuais, professora de fotografia na Escola Guignard. Participou de várias exposições coletivas, entre elas Panorama da Arte Brasileira, Coleção Pirelli/MASP de Fotografias, Projeto Pampulha. Seu trabalho faz parte do acervo do MASP e do Museu de Arte da Pampulha.

**{SUPLE
MEN+O.**

Suplemento Literário de Minas Gerais
Av. João Pinheiro, 342 - Anexo
30130-180 Belo Horizonte MG
Tel/fax: (31) 3213 1072
suplemento@cultura.mg.gov.br

Impresso nas oficinas da Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais.

AUGUSTO DE CAMPOS

MÁRIO NOEL ORLANDO JOÃO

NO CENTENÁRIO DE NASCIMENTO
DE MÁRIO REIS
(N. 31 DE DEZEMBRO DE 1907)

Ao morrer, em 1937, sem ter completado 27 anos, Noel Rosa já tinha composto, só ou em parcerias, mais de 200 músicas, das quais, pelo menos a metade é de composições marcantes, originalíssimas, que fizeram história.

Ouvir as suas músicas na coletânea de catorze cds “Pela primeira vez Noel”, editada pelo selo Revivendo e organizada pelos seus biógrafos definitivos, João Máximo e Carlos Didier (*Noel Rosa – uma biografia*, Editora da Universidade Federal de Brasília, 1990), é impressionante. Embora consciente das idiosincrasias de João Gilberto, nunca compreendi porque ele, que sempre gostou de descobrir canções esquecidas, foi sempre tão parco em interpretações de Noel. Que eu saiba, só gravou o seu

mais famoso “hit”, “Feitiço da vila”, cartão de visitas do “filósofo do samba”, tendo à disposição tantas coisas lindas e atualíssimas, menos gravadas e conhecidas, como “Coração”, “Cordiais saudações”, “João Ninguém”, “Mulata”, “Cor de cinza”, “Mulato bamba”, para citar quase ao acaso. Sempre lamentei, por outro lado, que jamais tivesse registrado em disco Lupicínio, do qual interpretou maravilhosamente “Quem há de dizer” num dos incríveis encontros com Gal e Caetano, na TV Tupi, em 1971 – melhor precisando, no primeiro encontro, só com Gal, depois que a maior parte do “comitê de recepção” (Julio Medaglia, Décio Pignatari, Rogerio Duprat e alguns outros) já se retirara, aborrecida com o atraso de João, renitentes apenas Walter Silva e eu, além de Fernando Faro e do pessoal técnico. Faro tem a gravação. Lupicínio, como compositor, vinha notoriamente de Noel e, como intérprete menos conhecido de suas próprias músicas, descendia, confessadamente, de Mário Reis, antecipando aspectos do cantar entoado da bossa nova, nas suas gravações de 1952 (maiores detalhes no meu texto “Lupicínio esquecido”, em *Balanço da bossa...e outras bossas* (Perspectiva, 1ª ed. 1974). Tradição reavivada, ainda antes da Bossa Nova, com a reprensagem em LP das gravações originais de Noel Rosa, cantando à Mário Reis (*Canções de*

Noel Rosa cantadas por Noel Rosa, 1956). Do grupo baiano, paradoxalmente, foi uma não-tropicalista, Maria Bethânia, quem primeiro homenageou a grandeza de Noel, gravando, em 1964, num compacto duplo da RCA-Victor, com vigor e plangência, à Aracy de Almeida, seis composições dele e de seus parceiros, entre as quais, a extraordinária canção (esta, somente dele), “Meu barracão”, anteriormente registrada por Mário Reis, em 1935, em notável intepretação, acompanhado ao piano por Nonô.

Em *Verdade tropical* (Companhia das Letras, 1997), abordando a questão Mário Reis-João Gilberto, Caetano se preocupa em retificar o que entende ser um erro de interpretação na “inserção de João Gilberto na linhagem de Mário Reis”, postulando, com fundados argumentos, a maior e mais direta influência de Orlando Silva e creditando a descoberta algo tardia dessa afinidade, em nosso grupo de poetas e músicos, ao querido e excelente crítico de música popular José Lino Grünwald. Não tenho a fonte à mão, para conferir. Quanto a mim, a ligação foi percebida desde o início dos anos 70, não só pelas declarações do próprio João, que afirmava considerar Orlando “o maior cantor brasileiro de todos os tempos” – como enfatizei em longo ensaio sobre a MPB, escrito em 1970

e publicado pela Encyclopaedia Britannica do Brasil no *Livro do Ano Barsa 1971* sob o título “A nova música popular brasileira” – como também por ter já ouvido àquela altura a primeira gravação em disco-solo de João Gilberto (até hoje fora de comércio e conhecida por poucas pessoas) num programa de rádio de Walter Silva, que sabia tudo de João e de bossa nova. Nas duas faces de um velho “78 rotações”, *Quando ela sai / Meia luz* (1952), selo Copacabana, João imitava o “cantor das multidões”, assim como mais tarde, em seu primeiro disco, Roberto Carlos viria a imitar João. Num outro texto, de 1974, “João, o som” (publicado em Nova York, por solicitação de Hélio Oiticica, no programa de um show de João Gilberto), eu escrevi que ele “uniu num mesmo continuum Orlando Silva e Caetano” e terminava gerundizando o nome do “cantor das multidões” para unir os três: “é assim que vejo João, orlando de caetanos futuros”.

Em seu comentário, Caetano chega a dizer que João é, em certo sentido, “o anti-Mário”, contrapondo com precisão o “staccato” de Mário ao “legato” de Orlando, assimilado por João, mas colocando entre parênteses as óbvias diferenças entre este e Orlando. De minha parte, continuo achando que não há porque desqualificar, como superficial, o elo

com Mário Reis. Com igual peso argumentativo, poder-se-ia afirmar que João é também, em certo sentido, o anti-Orlando, pois nada há de mais distante do fraseado coloquial de João do que os laivos operísticos, que subsistem, queira-se ou não, no mavioso cantor de “Lábios que eu beije”, e continuam vívidos nos alongamentos e portamentos de sua belíssima voz, apesar de toda a suavidade que há nela, coisa de que os tenores de ópera também são capazes quando cantam, “voce velata”, em registros “falsetto” ou com “voz de cabeça”. Não é por nada que Orlando admirava Tito Schippa (quis até estudar canto com ele) e entusiasmou Chico Alves, a quem imitava, como a Silvio Caldas, nos seus inícios. Em abril de 1968, quando o visitei em New Jersey, João cantou longamente, com Miúcha, então sua mulher, entre outras músicas de sua preferência, “Joujoux e balangandãs”, a composição de Lamartine Babo que Mário Reis, já retirado da vida artística, interpretara, num breve retorno ao palco, e gravara em 1939, quase 30 anos antes, com a hoje desconhecida Mariah. Só muitos anos mais tarde uma interpretação de João (com Rita Lee) viria a ser registrada em disco. Mas é muito significativo. João também usa o “staccato”, a quase-fala, a emissão breve, de acordo com o tipo de música que canta.

O admirável intérprete de “Cadê Mimi” – para mim, a mais impressionante intervenção artística do filme *Alô alô carnaval*, de 1936, mostra histórica da música popular brasileira, dirigido por Adhemar Gonzaga – ganharia, passados vinte anos de sua morte, uma biografia muito bem documentada de Luis Antonio Giron (*Mario Reis, o fino do samba*, Editora Sette Letras, 2001). De estranhar apenas que o autor não tenha incluído em sua bibliografia os diversos textos críticos que sobre Mário escreveu José Lino Grünwald, amigo do cantor e pioneiro na sua revalorização. Excluídas igualmente quaisquer referências aos artigos também pioneiros do musicólogo Brasil Rocha Brito e do maestro Julio Medaglia, que, secundados por mim, articulam a linguagem de Mário Reis com a de João Gilberto, em *Balanço da bossa*, a primeira coletânea de estudos sobre MPB que organizei em 1968. Assim como obliteradas foram as mais recentes e importantes observações de Caetano, que Giron repete, ao frisar a oposição “legato-staccato” entre os dois cantores, ainda que matize a sua opinião, sob vários aspectos, e chegue a afirmar, a certa altura, que “Tom considerava Mário um precursor de João Gilberto”. Conta, o crítico, que João compareceu ao último show de Mário, ocorrido de 2 a 4 de dezembro de 1971, no Golden Room do Copacaba Palace, e que o

primeiro teria então declarado: “Agora só quero mesmo é ouvir o disco [lançado também no mesmo ano], ver o show, cantar com Mário Reis”.

João Gilberto não é Mário Reis. Mas também não é Orlando Silva. Talvez o melhor seria dizer que João conseguiu o impossível: fundir Mário e Orlando, ou, para lembrar a dupla genial do tempo em que Francisco Alves ainda não tinha empostado a voz, sintetizou Mário e Chico Alves. O fato é que Noel cantando Noel e Lupicínio, Lupicínio estão muito mais perto de João do que Caymmi cantando Caymmi. Isso de influências diretas, confessas ou não, tem importância relativa de uma perspectiva crítica mais ampla. João descende tanto de Orlando, quando Webern de Mahler e Pound de Robert Browning, de quem afirmou peremptoriamente, reivindicando-lhe a paternidade: “pourquoi nier son père?” (por que negar seu pai?). Cheguei a ver e ouvir, nos primórdios da TV brasileira, um programa em que Orlando e João cantaram juntos “A primeira vez”, de Bide e Marçal. Não podia haver contraste maior. Se interpolassem suas interpretações, reproduziriam o esquema da dupla Chico Alves e Mário Reis. E é possível imaginar Orlando cantando “Bim bom”? Mário, sim. Diga-se de passagem que as tentativas tanto de Orlando quanto de Mário de versarem música dos

anos 50 para frente, bossanova ou pós, não foram bem-sucedidas. E Silvio Caldas, conservador como era, certamente não se reconheceria nas interpretações joãogilberteanas de “Morena boca de ouro” ou “Da cor do pecado”. Como sentenciou certa vez, fatalisticamente, o poeta Emílio Moura, ao defrontar-se com poemas concretos, numa exposição em Belo Horizonte: “Papagaio velho não aprende graça nova”. A verdade é que João “traduziu” criticamente a linguagem de Orlando Silva, como intérprete, e de Dorival Caymmi e Ary Barroso, como compositores, conforme acentuei no já referido ensaio “A nova música popular brasileira (1970)”, publicado no *Livro do Ano Barsa 1971*.

Filtrou-os. Depurou-os. Na voz de João, eles se tornam outra coisa, às vezes são quase irreconhecíveis. Antropofagia. Noel, quem sabe, não precisava de “tradução”. O originalíssimo poeta inglês Gerard Manley Hopkins dizia que o efeito que exerciam sobre ele as obras-primas era o de admirá-las e fazer outra coisa. Certa vez, o outro João, Cabral de Melo Neto, que gostava de provocar, me disse à queima-roupa qualquer coisa assim: “Não sei porque vocês falam tanto em Ezra Pound, não vejo nada de Pound na poesia concreta!” E “no entanto, e no entanto”, nenhum poeta me influenciou tanto como Ezra Pound.

Quanto a Mário, nos interstícios do seu fraseado, entre a fala e o canto, há também surpresas rítmicas inovadoras, como as interpolações embutidas nos breques dos sambas de Sinhô – “Jura”, “Deus nos livre do castigo das mulheres”, “Cansei” –, antecessoras dos breques cantarolados de Orlando Silva (“Meu romance”, “Lágrimas de homem”, de J. Cascata). As suas intervenções anticlímax no canto-contracanto velado de Francisco Alves, de quem descende o grande Orlando, têm uma faca-só-lâmina tão afiada como a do próprio João Gilberto – é ouvir o corte mágico do seu primeiro fraseado (“Sei que não posso suportar”) no samba de Ismael Silva, Noel Rosa e Chico Alves, “A razão dá-se a quem tem” (1932) – um caso prototípico de construção e desconstrução da melodia pela alternância dos estilos de emissão vocal. Anticlímax até na sua recusa ao sucesso, Mário é exemplar e único em nossa música mais e menos popular. Grande intérprete é aquele que chega a ser “artigo que não se imita”, para usar uma expressão de Noel. No estilo que criou, Mário é inimitável. Não perde para ninguém, João ou não.

AUGUSTO DE CAMPOS é poeta, ensaísta e tradutor, um dos criadores da Poesia Concreta no Brasil. Autor de *Não e Poesia da recusa* (Perspectiva, 2006), *Colídocapô* (Amauta Editorial, 2007) e *Quase-Borges + 10 transpoemas* (Memorial da América Latina, 2006).

UM POETA DE MINAS E DO MUNDO

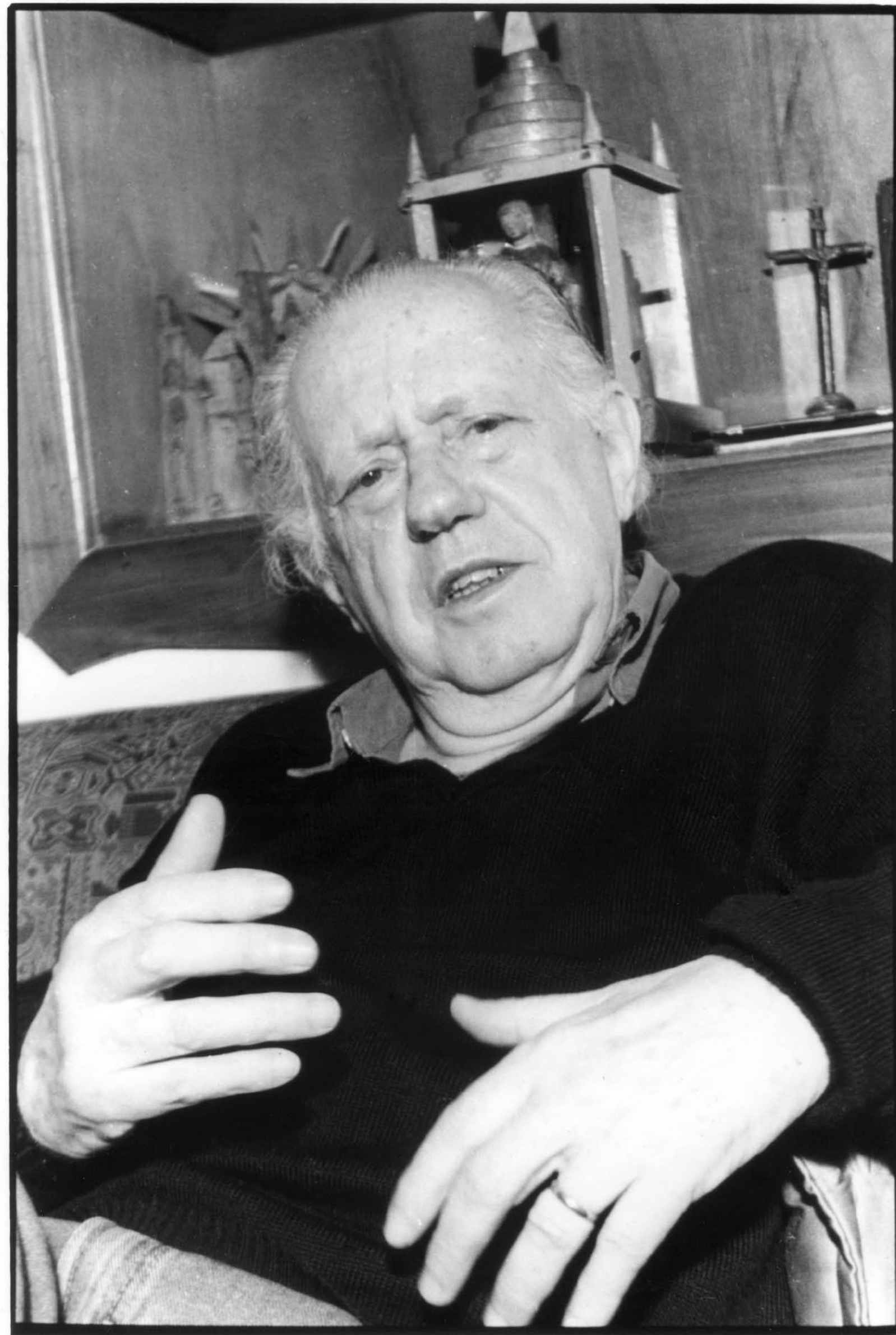
Affonso Ávila completou oitenta anos em janeiro de 2008. Poeta, ensaísta e estudioso do Barroco, Ávila nasceu em Belo Horizonte, em 1928; autodidata, iniciou-se cedo no jornalismo e na literatura, tornando-se um dos mais importantes e ativos intelectuais brasileiros da segunda metade do século XX. Publicou seu primeiro livro de poemas – *O açude e sonetos da descoberta* – ainda no início dos anos 1950; foi casado com a também poeta Laís Corrêa de Araújo (1929–2006). Affonso Ávila é um poeta entranhadamente mineiro, telúrico, com uma linguagem bastante pessoal, que vai do lírico ao áspero, trabalhando sempre com formas verbais econômicas e diretas.

Nos anos 1960, Ávila engajou-se na vanguarda poética brasileira, buscando aliar a renovação da linguagem a uma postura participante, sempre dentro de uma visão crítica da realidade. Nessa época, integrou o grupo da revista *Tendência* e organizou a “Semana Nacional de Poesia de Vanguarda”, realizada em Belo Horizonte, em 1963, estabelecendo um diálogo com os poetas concretos de São Paulo (Grupo Noigandres).

Entre os seus livros de poesia mais importantes destacam-se *Carta do solo* (1961), *Código de Minas* (1969), *Cantaria barroca* (1975), *Discurso da difamação do poeta* (1978), *Delírio dos cinqüent’anos* (1984), *O belo e o velho* (1987), *O visto e o imaginado* (1990). Na área do ensaio publicou, entre outros, *Resíduos seiscentistas em Minas* (1967), *O poeta e a consciência crítica* (livro lançado em 1969, cuja reedição ampliada acaba de sair pela coleção Debates, da Ed. Perspectiva) e *O lúdico e as projeções do mundo barroco* (1971 – reedição ampliada em dois volumes em 1994). Ávila também criou, dirigiu e editou a

revista-livro *Barroco*, que nos seus dezessete números contou com a colaboração de especialistas brasileiros e estrangeiros voltados para o tema. Afora isso, teve ativa participação como técnico e consultor em diversos trabalhos na área de patrimônio cultural, não só em Minas mas também como membro de organismos e entidades nacionais e internacionais; foi também o autor da lei que criou este *Suplemento Literário*, do qual foi colaborador desde sua criação, em 1966. Seus poemas foram traduzidos no exterior e utilizados e citados em diversos trabalhos audiovisuais e em peças musicais eruditas. A *lógica do erro* (SP, Editora Perspectiva, 2000) foi o último volume de poemas publicado por Ávila; em 2006, o Arquivo Público Mineiro reeditou, em dois volumes, seu estudo *Resíduos seiscentistas em Minas*, juntamente com uma *Fortuna crítica*. Ainda

este ano, a Editora da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais) publicará a obra poética completa de Affonso Ávila.



AFFONSO ÁVILA. Foto: Guilherme Bergamini - 2003.

JÚLIO CASTAÑON GUIMARÃES

A PROPÓSITO DOS 80 ANOS DE AFFONSO ÁVILA

A lembrança de algumas datas em geral nos põe na situação de rever um percurso a partir de um determinado ponto, que pode ser o de uma etapa a que se terá chegado. Em alguns casos, porém, mais do que diante de um momento de exclusivo retrospecto, nos vemos diante da situação bastante peculiar, a de um vigor produtivo que nos dá sempre a impressão, efetiva, de estar em constante andamento. A importância da renovação que veio operando, associada a uma permanente perspectiva crítica, estabelece, em patamar elevado, uma condição de constante produção. Se isso já acontece regularmente por meio de novas obras, acontece também por via da reflexão a que oferece sempre a contribuição de elementos instigadores.

O nome de Affonso Ávila esteve ligado a alguns fatos importantes da cultura brasileira ao longo das últimas décadas. A lembrança de pelo menos dois desses fatos pode ajudar a avaliar a extensão de sua atuação para além mesmo desses marcos. Em 1963, foi o organizador da Semana Nacional de Poesia de Vanguarda, realizada em Belo Horizonte com a participação de poetas e críticos dedicados à reflexão sobre novas possibilidades artísticas. A esse acontecimento estão ligados, anteriormente, a criação em 1957 da revista *Tendência* e, ao longo de significativo período, as relações regulares com o grupo da revista *Invenção*, não apenas no sentido de contato ocasional, mas no sentido de discussão dos projetos literários em desenvolvimento. Pouco depois, em 1969, Affonso Ávila criou a revista *Barroco*, publicação exemplar, de rara competência e longevidade, que ao longo de mais de três décadas vem reunindo em volumes substanciais trabalhos de estudiosos da área, brasileiros e estrangeiros. Esse dado permite lembrar o trabalho de Affonso Ávila como pesquisador do período, que resultou em diversas outras publicações. Assim, o olhar investigativo voltado para a produção cultural histórica se associa a uma produção poética e crítica contemporânea, de caráter renovador. Nessa perspectiva, ressalta a importância de seu livro *O poeta e a consciência crítica*, composto de textos de que fazem parte várias dessas questões. Guardadas as devidas circunstâncias, essa linha de trabalho se relaciona com o trabalho daquela parcela mais atuante do modernismo concretizado pela integração entre pesquisa de nossa história e nosso patrimônio e a renovação de nossas artes.

Seria descabido aproximar-se ou reaproximar-se da poesia de Affonso Ávila tomando ao pé da letra esses dados como balizas. No entanto, eles não devem estar ausentes do horizonte da reflexão sobre essa poesia, porque de fato não estão ausentes do contexto dessa poesia. O próprio poeta numa entrevista revelou que seu livro *Resíduos seiscentistas em Minas* “surgiu das pesquisas que realizava para o *Código de Minas*” (um dos nossos livros de poesia mais

bem sucedidos no tocante à crítica social e política). Na mesma entrevista, fala da associação entre um trabalho de pesquisa em que teve de percorrer minuciosamente a cidade de Ouro Preto, trabalho de que resultou o livro *Glossário de arquitetura e ornamentação*: “Eu estava lidando com a coisa e a essência da coisa: casas, frontarias, decoração, feição urbana e um repertório imenso de vocabulário”. Daí nasceu também o livro *Cantaria barroca*: “nasceu dessa confluência entre o *ver* e o *sentir*”.

Anos depois dos livros mencionados, essa confluência estava, em formulação um pouco diferente, no título de um novo livro, *O visto e o imaginado*. A relação com a expressão antes referida é um ponto de partida para a leitura. Em breves dísticos, a poesia de Affonso Ávila aqui incorpora dados da paisagem local que lhe é contemporânea, no sentido tanto da paisagem urbana quanto da reação afetiva a elementos dessa paisagem e da história de vida nessa paisagem. Esse espectro temático por si só dá mostras das articulações empreendidas pela elaboração dessa poesia, articulações que a situam entre o que de mais importante se produziu entre nós nas últimas décadas. E um elemento fundamental dessas articulações pode ser detectado a partir ainda da observação mencionada acima pelo poeta, quando ele fala da coisa e do vocabulário. Uma das características de sua poética é a busca da proximidade com a coisa, a concreção, por meio, entre outros aspectos, de um vocabulário tão exato quanto despojado. A complexa sintaxe que dá corpo aos textos, numa construção antidiscursiva, por um sistema de repetição e variação, constitui também o desenvolvimento exploratório das potencialidades das coisas e seus nomes.

Esta síntese apressada e grosseira tem a intenção apenas de ressaltar um dos aspectos da obra poética de Affonso Ávila – como poucos, ela desenvolve um diálogo produtivo com a tradição e investiga novas possibilidades criativas. A essa obra – a que se poderia aplicar o adjetivo “grande”, não fosse o fato de que essa aplicação entraria em contradição com o que nessa poesia há de avesso a qualquer grandiosidade – é sempre com renovado prazer que se volta, e me parece mesmo que precisamos voltar regularmente a ela, pois acho que sua releitura pode contribuir enormemente para a reflexão contemporânea sobre a poesia. A propósito dessa poesia e da data dos oitenta anos de seu autor, pode-se lembrar também uma aproximação que Francis Ponge – outro poeta das coisas e do vocabulário – faz com monumento (que embora seja objeto de muitos textos de ambos os poetas, é termo que talvez não coubesse aplicar a obras pautadas pela invenção). Do monumento (no sentido da pedra e suas inscrições, presentes de modo forte nessas duas poéticas), Ponge aproxima, por assonância e falsa etimologia, o movimento – quer ver a obra sobretudo como movimento. E me parece que é essa visão de movimento que também cabe aqui, a propósito desta data de Affonso Ávila, e de sua obra particular, *em movimento* tanto em sua produção quanto na discussão que deflagra.

JÚLIO CASTAÑON GUIMARÃES é autor dos livros de poemas *Matéria e paisagem* (1998) e *Práticas de extravio* (2003). Organizou recentemente as *Cartas de Murilo Mendes a Roberto Assumpção* (Casa de Rui Barbosa, 2007) e traduziu *Brinde fúnebre e outros poemas*, de Stéphane Mallarmé (7 Letras, 2007).

ótica

olho é uma coisa de ver
olho é uma coisa divertida

olho é uma coisa danada
olho é uma coisa de dano

olho é uma coisa do dono
olho é uma coisa de dom

olho é uma coisa de deus
olho é uma coisa do demo

olho é uma coisa de dantes
olho é uma coisa de dentes

olho é uma coisa de dedos
olho é uma coisa de dentro

videocardiogame

longe dos olhos
perto do coração
longer or ogler
praise on cornerstone
lobos los ojos
perro el corazón
longues les ombres
prêt la confession
longos os olhos
presto o coração

despistes

dom diniz rei
byron lord
wallace stevens presidente de cia. de seguros
villon ladrão
mallarmé professor de ginásio
senhor presidente da república
dante ministro das finanças
gonzaga desembargador
drummond burocrata
cabral diplomata
juan de la cruz santo
oswald um homem sem profissão

bocagem

boca
(diante da palavra)
embocadura da palavra

boca
(diante do palavroso)
embocadura do palavroso

boca
(diante do palavrório)
embocadura do palavrório

boca
(diante do palavreado)
embocadura do palavreado

boca
(diante do palavrão)
embocadura do palavrão

poesia tarja preta

uso sob prescrição médica
o abuso deste medicamento

pode causar dependentes a khayyam
baudelaire nobre yeats dos anjos

Projeto nº

Dispõe sobre a edição do Suplemento Literário do "Minas Gerais" e dá outras providências.

Art. 1º - A Imprensa Oficial editará o Suplemento Literário do "Minas Gerais", que circulará semanalmente, anexo à edição de sábado do Órgão Oficial dos Poderes do Estado.

§ 1º - O Suplemento Literário poderá também ser distribuído separadamente, mediante venda avulsa ou assinatura especial.

§ 2º - A distribuição e venda do Suplemento Literário na Capital, no interior e em outros Estados poderão ser feitas diretamente ou através de distribuidores especializados.

Art. 2º - O Suplemento Literário terá uma Comissão de Redação, constituída de 3 (três) membros, designados pelo Diretor da Imprensa Oficial dentre servidores da repartição ou de outros órgãos do Estado colocados à sua disposição, devendo a escolha recair sempre em pessoas de notório conceito no setor das letras e comprovada experiência na redação de jornais literários.

Parágrafo único - O Diretor da Imprensa Oficial designará, dentre os membros da Comissão de Redação, o Secretário do Suplemento Literário, que trabalhará em regime de tempo integral.

Art. 3º - O Diretor da Imprensa Oficial poderá designar servidores do quadro da repartição, ou de outros órgãos do Estado colocados à sua disposição, para prestarem serviços ao Suplemento Literário, sem prejuízo dos vencimentos e vantagens do cargo.

§ 1º - Para o desempenho de tarefas técnicas de diagramação e redação especializada de textos, não previstas na sistemática

de classes e funções constante do Anexo I da Lei nº 3.214, de 16 de outubro de 1964, o Diretor da Imprensa Oficial poderá promover, mediante autorização do Governador do Estado, admissão de pessoal qualificado, nos termos da legislação trabalhista.

§ 2º - Os trabalhos gráficos e de revisão necessários à publicação do Suplemento Literário, quando executados em horários diferentes dos fixados para o "Minas Gerais", serão remunerados segundo as normas do regulamento de serviços extraordinários.

Art. 4º - O Diretor da Imprensa Oficial fixará o valor da remuneração a ser paga aos colaboradores do Suplemento Literário por matéria publicada sob a forma de artigo, trabalho de criação literária ou desenho de ilustração.

Art. 5º - As despesas com a manutenção e edição do Suplemento Literário, referentes a pessoal e material, não previstas em verbas orçamentárias próprias, correrão por conta do Fundo Industrial da Imprensa Oficial e serão fixadas, anualmente, pelo Governador do Estado.

Art. 6º - O Diretor da Imprensa Oficial baixará, em portaria, as normas complementares à execução desta lei.

Art. 7º - Revogam-se as disposições em contrário.

Art. 8º - Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação.

AA/MLM.

O Sr. 1.º Secretário recebeu e despachou, em 13 de janeiro, o seguinte Expediente:
MENSAGEM ESPECIAL N. 1.233
Belo Horizonte, 11 de janeiro de 1967.

Exmo. Sr. Presidente da Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais.

Tenho a honra de submeter, por intermédio de Vossa Excelência, ao alto pronunciamento dessa Egrégia Assembleia Legislativa o incluso Projeto de Lei que dispõe sobre a edição do Suplemento Literário do "Minas Gerais" e dá outras providências.

Lançado pela atual Administração, dentro de seu plano de amparo à cultura e difusão das letras e artes mineiras, o Suplemento do Órgão Oficial dos Poderes do Estado vem exercendo importante função pedagógica no processo de aprimoramento do gosto literário e artístico de nossas populações, principalmente nos municípios do interior onde não circulam regularmente jornais e revistas especializadas.

Dedicando numeros especiais ao estudo dos maiores valores de nossa inteligência criadora no passado e na atualidade, o Suplemento Literário constitui-se, por outro lado, em categorizado veículo de divulgação do patrimônio intelectual de Minas, com ampla repercussão em todo o País e mesmo no exterior. Esse nível já atingido nos primeiros meses de circulação justifica o imperativo de lhe serem asseguradas condições de circulação e imperativo de impor-lhe continuidade e assiduidade no desempenho do papel cultural de que está incumbido.

A providência consubstanciada no Projeto destina-se, portanto, a dotar o Suplemento Literário do "Minas Gerais" de organização adequada aos seus trabalhos e dos recursos necessários a sua manutenção. A abertura de crédito especial prevista no artigo 7.º visa a atender as despesas realizadas no exercício de 1966 pela Imprensa Oficial do Estado, atinentes aos serviços do "Minas Gerais" e à elaboração e edição do Suplemento Literário.

Considerando o relevante teor do incluso Projeto de Lei e a urgência das providências que prevê, valho-me do preceito contido no artigo 29 da Constituição Estadual na nova redação que lhe deu a Lei Constitucional n.º 14, para solicitar que essa Egrégia Assembleia Legislativa se pronuncie sobre a matéria dentro do prazo de 30 (trinta) dias.

Sirvo-me do ensejo para renovar a Vossa Excelência as expressões de meu elevado apreço e consideração.

(A.) Israel Pinheiro da Silva - Governador do Estado de Minas Gerais.

— Publicar.
PROJETO N. 9.956/67
Dispõe sobre a edição do Suplemento Literário do "Minas Gerais" e dá outras providências.

Art. 1.º - A Imprensa Oficial editará o Suplemento Literário do "Minas Gerais", que circulará semanalmente, anexo à edição de sábado do Órgão Oficial dos Poderes do Estado.

§ 1.º - O Suplemento Literário poderá também ser distribuído separadamente, mediante venda avulsa ou assinatura especial.

§ 2.º - A distribuição e venda do Suplemento Literário na Capital, no interior e em outros Estados poderão ser feitas diretamente ou através de distribuidores especializados.

Art. 2.º - O Suplemento Literário terá uma Comissão de Redação, constituída de 3 (três) membros, designados pelo Diretor da Imprensa Oficial dentre servidores da repartição ou de outros órgãos do Estado colocados à sua disposição, devendo a escolha recair sempre em pessoas de notório conceito no setor das letras e comprovada experiência na redação de jornais literários.

Parágrafo único - O Diretor da Imprensa Oficial designará, dentre os membros da Comissão de Redação, o Secretário do Suplemento Literário, que trabalhará em regime de tempo integral.

Art. 3.º - O Diretor da Imprensa Oficial poderá designar servidores do quadro da repartição, ou de outros órgãos do Estado colocados à sua disposição, para prestarem serviços ao Suplemento Literário, sem prejuízo dos vencimentos e vantagens do cargo.

§ 1.º - Para o desempenho de tarefas técnicas de diagramação e redação especializada de textos, não previstas na sistemática de classes e funções constante do Anexo I da Lei n.º 3.214, de 16 de outubro de 1964, o Diretor da Imprensa Oficial poderá promover, mediante autorização do Governador do Estado, admissão de pessoal qualificado, nos termos da legislação trabalhista.

§ 2.º - Os trabalhos gráficos e de

revisão necessários à publicação do Suplemento Literário, quando executados em horários diferentes dos fixados para o "Minas Gerais", serão remunerados segundo as normas do regulamento de serviços extraordinários.

Art. 4.º - O Diretor da Imprensa Oficial fixará o valor da remuneração a ser paga aos colaboradores do Suplemento Literário por matéria publicada sob a forma de artigo, trabalho de criação literária ou desenho de ilustração.

Art. 5.º - As despesas com a manutenção e edição do Suplemento Literário, referentes a pessoal e material, não previstas em verbas orçamentárias próprias, correrão por conta do Fundo Industrial da Imprensa Oficial e serão fixadas, anualmente, pelo Governador do Estado.

Art. 6.º - O Diretor da Imprensa Oficial baixará, em portaria, as normas complementares à execução desta lei.

Art. 7.º - Fica o Poder Executivo autorizado a abrir à Imprensa Oficial, com vigência até 31 de dezembro de 1967, o crédito especial de Cr\$ 20.000.000 (vinte milhões de cruzeiros), destinado a atender as despesas atinentes aos serviços do "Minas Gerais" e à elaboração e edição do Suplemento Literário relativos ao exercício de 1966, podendo, para tanto, realizar as operações de crédito que se fizerem necessárias.

Art. 8.º - Revogam-se as disposições em contrário.

Art. 9.º - Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação.

Dado no Palácio da Liberdade, aos ...
Publicado o Projeto, fica ele sobre a Mesa pelo prazo de 2 (dois) dias, para receber emendas, em cumprimento ao disposto na Resolução n.º 754.

AS CANTIGAS DO VERDADEIRO AFFONSO, O SÁBIO

O livro de Affonso Ávila, *Cantigas do falso Alfonso el Sabio*, publicado em 2006 pela Ateliê Editorial, já pelo título nos conduz a uma série de reflexões. Ah! o poder do nome! *No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus* (João 1,1). Em certas culturas, pronunciar o nome divino é crime imperdoável e, em muitas, a palavra é tão poderosa que, quando usada em rezas, mantras, feitiços, tem o dom, segundo crença milenar, de apaziguar, curar, prejudicar, trazer malefícios a quem se dirija ou a quem se destine. Tal como se vê em correntes esotéricas, saber o nome de coisas e de alguém é ter poder sobre essas coisas e seres. Entretanto, bem pensado, o nome, que diz tanto de cada um, na verdade não diz coisa alguma. Depende de como o vemos, de que ângulo o vemos. E certamente cada um de nós, carregando-o todo o tempo e desde o nascimento, terá dele um modo de ver especial... ou fará dele uma construção particular de sentido.

O título, tão instigante quanto belo dessas *Cantigas do falso Alfonso el Sabio*, “pausas de respiração” como a elas se refere

Dirceu Barros, (outro) codinome do autor que aparece na quarta capa de apresentação do livro, desvia de imediato nosso olhar para o “verdadeiro” (verdadeiro?!). Alfonso, aquele das cantigas medievais galaico-portuguesas, que louvou fervorosamente e à exaustão a figura de Maria, mãe de Deus, e fustigou os vícios e desregramentos de sua época. Mas, ao mesmo tempo, fixa nossa atenção nesse outro, o “falso” Alfonso, que é a bem dizer o verdadeiro, autor dessas outras cantigas, também de louvor e também, às vezes, de escárnio e mal-dizer, “cantigório paródico”, ora terno, ora irônico. Ah! os dois Afonsos, unidos pela força do nome, e não casualmente!... É toda uma tradição secular de que nos fala essa união, toda uma genética, “bens de sangue”, bens de cultura.

A presença na poesia de Affonso Ávila do próprio nome não é nova. Lembrem-se os versos do poema de *Código de Minas*, de alusão parodística a um outro Afonso (Afonso Celso) já no título, “Por que me ufano de meus pais”. Ai as breves alterações dos versos, em torno do nome de batismo,

vão compondo um perfil, um retrato de corpo inteiro, um modo de ser, presente e passado impressos numa identidade que se pretende conclusa, a partir de um significante:

affonso celso barros de ávila e silva
affonso celso barros de ávila e silêncio
affonso celso barros de ahs! e silêncio
affonso celso barroco de ahs! e silêncio
[etc.]

Ou ainda, mais à frente, numa referência às origens, à paisagem ancestral:

em ávila ameias em ávila em meio às ameias
em ávila amei-a em ávila entre as ameias
em ávila amei-as em ávila amei-as às meias
[etc.]

Essas novas *Cantigas do falso Alfonso el Sabio*, com composições típicas da chamada “poesia de circunstância” (se nos é lícito assim chamar essa poesia feita no calor das circunstâncias que envolvem pessoas e fatos a que se referem) e escritas por Affonso Ávila entre 1987 e 2001, só há dois anos vieram a público. Cantigas “reconfortantes”, como diz em codinome esse Dirceu Barros, ao modo das *letrillas* de Góngora, de Lorca, de Bandeira, de Drummond. E por que não acrescentar de Baudelaire, Rimbaud, Mallarmé, Murilo Mendes e tantos outros? Tendo como selo a descontração, a ternura, o humor, entremeados à admiração por figuras humanas que de algum modo o marcaram, ao resgate histórico de fatos e figuras do passado, à condenação de uma sociedade injusta, essas cantigas são bem a súpula de toda a produção poética anterior, até mesmo na ousadia formal (porque é uma ousadia, embora sugerindo o inverso) da prevalência do verso em redondilha maior e das rimas invariavelmente pobres e monótonas. Vê-se nessas rimas, banais, sem nenhum veio de erudição, repetitivas ao longo de cada poema, um dos ingredientes mais expressivos do humor e da descontração aí presentes. Porquanto essas cantigas, equilibrando-se entre, de um lado, a espontaneidade da dicação, própria das composições populares – como o metro curto e às vezes irregular, a rima batida, as gírias – e, de outro, uma rica expressividade vocabular e sintática, que abole o sentido imediato e a ordem lógica da frase, transmitem uma leveza, que vê no jogo, no “lúdico” (categoria cara a Affonso), o descompromisso com aquela seriedade mais próxima do “rostro canônico da poesia que ora se pratica”,

nas palavras, ainda, de Dirceu Barros (e olhe-se aí no codinome, de novo, o nome de família... e – será? – o nome de certo poeta e amante famoso de nossa poesia colonial?).

A “Cantiga de Nossa Senhora da Penha de França do Bichinho”, por exemplo, contando o surgimento de um dos nossos antigos arraiais mineiros, é resgate histórico, como se vê: “alfarrábio carochinho / conta em prosa a seu jeitinho / dois irmãos prados de ninho / mais um frade capuchinho / da bandeira em descaminho / foram dar a um riachinho (...); e é também humor, ironia brejeira relativa ao “clã quatrocentinho/ prado de caio esquerdinho / ou almeida prado certinho / e seu ramo hoje netinho” – que atualmente – “compra o artesanato em linho / da oficina agosto ou em pinho / lá no arraial do bichinho”.

Goethe dizia, e Octavio Paz nisso o seguiu, que toda poesia é poesia de circunstância. E Carlos Drummond de Andrade, saudando a aparição do *Mafuá do Malungo*, de Manuel Bandeira, afirmou que se pode rotular a poesia de “arte de transfigurar as circunstâncias”. E ainda: “A circunstância é sempre poetizável, e isso nos foi mostrado até ao cansaço pelos grandes poetas de todos os tempos, sempre que um preconceito discriminatório não lhes travou o surto lírico.”

Mais do que uma introdução ao legado estético de Affonso Ávila, como já se disse, penso que o livro dessas *Cantigas*, acrescentando a esse legado novos ingredientes e temas circunstanciais, é obra de quem o olha à distância e o depura. Dizia Jean Wahl que a poesia é o diário dos mais altos momentos do poeta, de sua consciência exaltada. Neste sentido, toda poesia é uma poesia de circunstância; porém, como acrescenta Wahl, de circunstâncias não circunscritas, mas universais... Do particular, a poesia vai além, transcende. É o que vemos nesses poemas “de afetos e alfinetes”, em que todo um saber feito de leituras e vivências pessoais transcende, ganha dimensão universal.

MELÂNIA SILVA DE AGUIAR é doutora em Literatura Brasileira, professora no Programa de Pós-Graduação em Letras da PUC-Minas, professora titular da Faculdade de Letras da UFMG (aposentada) e estudiosa da poesia da modernidade. Tem publicado artigos e ensaios sobre literatura em periódicos do Brasil e do Exterior, sendo responsável por edições críticas, entre outras, da obra de poetas mineiros do período colonial.

GUILHERMINO CÉSAR O MAIS-QUE-PERFEITO

Conheci Guilhermino César em setembro de 1967, em Cataguases, quando retornou à terra para assistir a uma encenação teatral que fizemos em homenagem aos 40 anos de lançamento da Revista Verde. Tornou-se, após o Movimento Verde, um intelectual de renome, portanto nada mais justo do que marcarmos com esta homenagem o dia 15 de maio, data do centenário de seu nascimento.

Guilhermino César da Silva nasceu no dia 15 de maio de 1908, em Pinheiros, atual Pinhotiba, município de Eugenópolis (MG), filho único do casal José César da Silva, farmacêutico prático, e Isaura da Fonseca César. Em 1910, a família decidiu morar em Tebas (MG), ficando ali até 1919, onde seu pai montou uma tipografia em que redigia, editava e imprimia dois pequenos jornais. Mudaram-se, em 1920, para Cataguases; Guilhermino cursou o 3º. ano no Grupo Escolar Astolfo Dutra e depois os preparatórios para o Ginásio Municipal. Fez amizade com Francisco Inácio Peixoto, Ascânio Lopes e Rosário Fusco, com os quais fundaria a revista *Verde* em 1927. Conheceu Humberto Mauro e colaborou nos jornais das cidades vizinhas. Dirigiu o jornalzinho *Mercúrio*, da Associação dos Empregados no Comércio de Cataguases, da qual seu pai, como farmacêutico, fazia parte.

Começou a estudar Medicina em Belo Horizonte, onde conheceu Carlos Drummond de Andrade, Emílio Moura e outros. Trocou o curso de Medicina pelo de Direito, em 1928, época em que publicou, em Cataguases, o seu primeiro livro – *Meia-Pataca* –, em parceria com Francisco Inácio Peixoto. Em 1929, fundou, em Belo Horizonte, com João Dornas Filho e Achilles Vivacqua, a revista *Leite Criolo*. Foi nomeado, em 1930, auxiliar de gabinete de Mário Casassanta, diretor da Imprensa Oficial de Minas Gerais, em Belo Horizonte.

Casou-se, em 1933, com Wanda Belli de Sardes, com quem teve dois filhos: João José e Guilhermino Augusto. Foi secretário do jornal *A Tribuna*, de Belo Horizonte.

Tornou-se secretário de *O Diário* em Belo Horizonte, depois oficial de gabinete de Gabriel Passos (Secretaria do Interior de Minas), e chefe do gabinete de Ernesto Dornelles (Chefe de Polícia em BH). Deixou-se ao magistério em Minas até 1943, tornando-se professor-fundador da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Minas Gerais, onde lecionava Literatura Brasileira e História Moderna, sendo ainda seu diretor de 1941 a 1943. Publicou seu primeiro romance – *Sul* – em 1939.

Transferiu-se para Porto Alegre (RS) em 1943, para chefiar o gabinete do Interventor Federal no Rio Grande do Sul, Cel. Ernesto Dornelles. Nunca mais voltaria a morar em Minas, embora tivesse viajado para seu estado natal várias vezes. Em 1945, assumiu o cargo de Ministro do Tribunal de Contas do Estado e, em 1953, chegou a secretário da Fazenda do Estado do Rio Grande do Sul. Publicou a *História da Literatura do Rio Grande do Sul*, em 1956, em Porto Alegre.

Em 1962, foi a Portugal (lá permanecendo por três anos) para inaugurar a cadeira de Literatura Brasileira na Universidade de Coimbra, retornando a Porto Alegre, para reassumir sua cátedra de Literatura Brasileira, na Faculdade de Filosofia da UFRGS.

Livros publicados: *Meia-Pataca* (1928, em parceria com Francisco Inácio Peixoto); *Sul* (1939, romance); *História da Literatura do Rio Grande do Sul – 1737-1902* (1956); *Lira Coimbrã e Portulano de Lisboa* (1965, poesia); *O embuçado do Erval*, mito e poesia de Pedro Canga (1968); *Arte de matar* (1969); *Qorpo-Santo*: relações naturais e outras co-

médias (1969); *Primeiros cronistas do Rio Grande do Sul* – 1605-1801 (1969); *História do Rio Grande do Sul*: período colonial (1970); *Sistema do imperfeito & outros poemas* (1977); *Historiadores e críticos do romantismo*, v.1 – A contribuição européia (1978); *Cantos do canto chorado* (1990, poesia).

Aposentou-se em 1978. Morreu no dia 7 de dezembro de 1993, em Porto Alegre.

O jornal *Cataguases*, em edição especial organizada por nós, em 20 de agosto de 1995, homenageou o escritor Guilhermino César com duas páginas sob o título geral de “Guilhermino, o mais que perfeito”, e abria a edição com as seguintes palavras:

Sempre achei Guilhermino César o mais equilibrado entre todos os seus companheiros da revista Verde. Em minhas conversas com ele, nos anos 60 e 70, pude conhecer as figuras do scholar, do crítico e do grande poeta, dos quais ressaltava invariavelmente uma imensa generosidade. Com rara lucidez e autocrítica, analisava o movimento do qual participava, mostrando para nós, os jovens da época, o caráter histórico e estético das conquistas modernistas.

Em entrevista ao suplemento “Totem”, Guilhermino elucidou vários pontos de dúvida sobre o movimento Verde, do qual participara em 1927-29, na pequena Cataguases:

A espontaneidade naturalmente foi o primeiro mérito que teve o grupo da revista Verde de Cataguases. Tudo nas páginas daquela publicação “municipal” quis exprimir um não peremptório à literatura despaiada que nos afligia. Nós, hoje diríamos, éramos os rapazes ainda sem buço, mas com muita ambição, o acaso conduziu-nos a uma auto-suficiência que explica a ousadia da iniciati-

va: fazer uma revista de cultura, numa cidade povoada quase de analfabetos. Não saberia qual a causa determinante dessa efervescência literária numa cidadezinha como Cataguases. Havia lá um grêmio literário no ginásio, onde nós brigávamos uns pelo Coelho Neto, outros por Graça Aranha. Havia um grupo de rapazes braseados pela poesia e pela ficção de vanguarda, e todos fomos atingidos em cheio pela pregação modernista de São Paulo, de Belo Horizonte, que chegavam até o Rio Pomba (como v. sabe, o rio Pomba passa em Cataguases) e também símbolos mais diversos.

Dos jovens que iniciaram o movimento nos anos 20, Guilhermino foi dos que se definiram integralmente pela literatura, fazendo brilhante carreira até sua morte em 1993, deixando volumosa obra, e destacando-se também como professor na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com incursões pelas universidades de Coimbra e Lisboa, em Portugal.

Participou de quatro números da revista *Verde*. Registramos, na estréia, o poema “Noturno” como o de melhor nível e o mais ligado a uma temática transgressora, pela liberdade rítmica e descontração, na abordagem do tema e na musicalidade e delicadeza dos versos:

*Noite de maio.
Noite fina de gaze e de legenda.
As árvores têm recortes macabros
na tela escura da treva.*

*Anda no espaço um cheiro bom de angélica,
um cheiro forte de cravos e glicíneas.*

*E nessas noites de maio enquanto a gente reza
baixinho,
o silêncio conta muita história,
muita coisa linda para adormecer...*

*É quando a gente fecha os olhos.
É quando a gente sorri e fecha os olhos a sonhar...*

A pequena coletânea *Meia-Pataca*, que dividiu com Chico Peixoto, assinalava alguns momentos poéticos de ruptura com a poesia tradicional, justamente naquele início – 1928 –, e que procuramos destacar. Ali estão alguns poemas que, embora incipientes, refletem notadamente a cor local do interior do país, aliada à livre escolha do léxico:

MEIA-PATACA

*O conquistador chegou cansado
e batizou com o ouro da cobiça
a terra que lhe prometia
um punhado de coisas tentadoras
MEIA-PATACA!*

*Vieram mais gentes
porém não havia mais ouro
no rio de águas feias.
Vieram outras gentes.
Cataguases... a cidade cresceu.
O Pomba tem barcos de nome estrangeiro
brincando no dorso barrento.
O Meia-Pataca ficou desdeixado
pobre riozinho que se esconde
e passa de longe medroso.*

*– Olhando o rio esquecido
eu penso no ouro que sumiu
e no ouro que ficou pra sempre
no coração da minha gente.*

Ou em “Deslumbramento”, em que o poeta “volta” à redondilha menor, apenas por um ludismo de brincadeira que conduz o poema, em ritmos regulares, a um erotismo recém-descoberto:

*Morena batuta
de seios de fruta
novinha que dói.
Morena batuta
segura essas frutas
segura que caem.*

*Meus olhos cobiçam
delícias assim
que a fome chegou.
Meus olhos cobiçam.
E doidos nem vêem
que são temporãs.*

*Morena batuta
de seios de fruta
novinha que dói.*

“Noite de todos os poemas” já era uma tentativa de trazer para a literatura novos temas, como o samba e o canto solidário da gente morena, abrindo as portas para inúmeros novos personagens que também penetraram em obras de outros escritores do Modernismo brasileiro:

*No samba que explode lá fora
em voltas de gira
em giros de amor
em cantos e risos
puseram os poemas da raça cafusa.*

*Poemas vermelhos
poemas roxinhos de fazer pena
poemas brancos e inofensivos
– todas as cores e todos os sentimentos
nas cabrochas repimicando,
sambando suadas.*

*Poemas da raça
Poemas da terra
poemas de tudo!*

No samba que explode lá fora
em voltas de gira
em giros de amor
em cantos e risos
falta porém um poema maior...
Não se pode escrevê-lo somente:
é preciso sentir
é preciso viver
solidário com a gente morena
pra escrever o poema melhor
– o poema maior e mais fundo
que a raça exige de nós.

Evocativo, saudoso, é o poema “Viagem”, que faz parte de um livro de sua obra madura, daquele que se transferiu para Porto Alegre, mas nunca mais se esqueceu da sua Cataguases. Portanto, este final, embora melancólico, parece feito para encerrar nosso trabalho sobre o grande escritor que foi Guilhermino César:

VIAGEM

*O destino? Cataguases.
Quero depressa chegar.
O motivo da viagem
não é segredo nenhum,
virá nas folhas de cá:
– Embarco pra Cataguases,
que lá me vão enterrar.*

*Por favor, façam depressa
o transporte para o chão
do meu corpo e seu fedor.
Não deixem pelo caminho
mazelas que foram minhas,
herói de infeliz amor.*

*Me arquivem logo no chão,
no frio barro vermelho
do outro lado do rio,
um pouco depois da ponte
(com licença do Ouvidor).*

*Cubram, idem, o monturo
com pedra, areia e cimento,
mas não deixem nenhum brilho,
nenhum sinal exterior
que inda aos pássaros engane,
que a visitas e coveiros,
jornalistas e parentes
recorde o silêncio escuro
em que dormindo me fique.*

*Depois, me larguem, me olvidem.
Que eu seja bem digerido
pelo chão de Cataguases,
reino de Minas, Brasil.*

JOAQUIM BRANCO é poeta, crítico, pós-doutorando em Literatura pela UFRJ. Autor, entre outros livros, de *Passagem para a Modernidade* (ensaio sobre o Movimento Verde) e *O caça-palavras* (poemas).

36 HORAS SEM VER PARIS

Não sei, Pace. O mundão lá atrás foi diminuindo, diminuindo, e eu me embrenhei aqui em Sotero Calamar, nesse fim de mundo, uma rua só, e na última casa da rua. Queria te ver pelas costas, o momento tinha chegado, o dia D, a hora fatal. Mas foi difícil. Lembrar aquelas noites de amor, quando se supunha estrelas sobre o telhado, e cores de luar rastreando o quarto como se a morte fosse adquirida. Muito prazer, dona Morte, queremos esse dom que realiza e que encerra todos os ciclos, que é a moldura, o último sonho, a última viagem, que é um basta de tanta felicidade, porque agora ela se cristalizou,

ela se fez pedra e eternidade. Agora o amor está imóvel dentro do vidro, ou do acrílico derretido, o fato é que não sai de lá, e eu trouxe esse pedaço dele, está aqui do lado da minha cama, em cima do criado-mudo, que eu comprei na loja de móveis usados, está aqui essa coisa que não tem forma, me olha dentro da noite com seus olhos de gato, com seus mistérios notívagos, só é noite, alta, cerrada, e, meu Deus, eu quero acordar...

Vem a manhã, Pace, e aqui tem muitos passarinhos, porque minha casinha faz divisa com o grande sertão, que é um ani-

mal com garras que vai subindo pelo meu telhado e vai me sumindo dentro desses galhos-florestas, essas árvores que crescem em horas, minutos, enlaçam, entram pela cozinha, pela sala. A casa é híbrida de cimento e planta. Mas com as manhãs – muitos, muitos passarinhos. Me lembram manhãs das primaveras, em que se enquadrava o sonho e se dizia “pronto, eis aqui preso o meu sonho a ser vivificado”, é, a ser vivificado, não realizado.

Você foi à feira, ontem? Eu sei que foi dia de feira, de usar sandália de espuma, tomar umas quatro antes de encher o carrinho de

legumes tenros e carnes adiposas. Foi dia de entrar na umidade da sala, esfregar os braços, tomar um chuveiro. Fique aí, que eu fico aqui. Da próxima vez, vou comprar aquele Buick preto, que quase não funciona, mas duvido que não vá me sentir um intelectual existencialista dentro dele. Ontem veio aqui um vizinho. Ele é um babaca. Conversou comigo sobre horticultura, disse que tinha obsessão por aquelas plantas, como é mesmo o nome daquelas plantas que se grudam aos troncos, parasitas? É..., ah, não me lembro não, mas eu sei, eu sei o que é. Ele disse que colecionava, que tinha estufa, que tinha um monte, e que tinha se aposentado, e que tinha virado o pé, tava um inchaço, mas queria mesmo era saber como estava tudo naquele lugar de onde eu tinha vindo. Conversamos sobre a Bolsa, sobre o trânsito, a saudade do cheiro de óleo diesel, da chuva sobre o caos, do cinza (a cor do ar é cinza). Mas no terceiro dia nossos assuntos eram chove não chove, que sol, que calor. E a conversa hoje de todo mundo por aqui é sol e chuva. Danação.

Pace, a minha fita de vídeo debaixo da televisão tem todo o trajeto de nossa estória. Por favor, veja e lace o celulóide depois e desfie tudo, ponha na janela no tempo de carnaval, ou jogue com papel picado no próximo fim de ano. Se você olhar de novo, você vai ver a diferença, como a minha barriga foi inflando, as batatas das pernas ficando fortes. Você vai ver que o meu andar começou a ser um andar que se pensava, que eu estava andando pra abraçar todo mundo, tinha gente que saía da frente assustada, mas o peso empurra mesmo a gente pra frente, não dá pra parar. Lá no começo, nos anos de ventura errante, vê como eu era

magrinho, estilo Paul Newman. Não sabia também que você ia ficar tão “encanada” com isso. Quando fui ao médico e quis ser lipoaspirado, não sabia que aquele cano que me cutucava ia me puxar inteiro pra dentro do saco de banha e ia me virar do avesso, até que sumisse definitivamente, o médico assombrado, todo mundo “cadê eu, isso é uma máquina de sumir gente”. Eu adorei, porque ninguém me via e eu via tudo e todos, sobre a sala, casais dormindo, era um morcego sobre o silêncio da cidade.

Vai anoitecer, Pace. Essa pedra aqui do lado vai começar a não parar de brilhar, lá dentro, com o nosso amor vulcanizado. Tem umas corujas, coaxar de sapos, às vezes vem um rugido de uma onça perdida na noite. E tambores. Tambores na minha cabeça, que me assustam, mas que eu não tenho forças para evitá-los, e me deixo inebriado pelo ritmo, esperando que me levem a algum lugar. Me cubro até o pescoço, olho o teto e olho o chão. Não passa, essa pasta não sai, não areja o meu peito. Quero comer muita batata frita, pra engordar de novo, só pra mostrar pra você que eu não estou magro de paixão. É, aquela cânula na barriga me deixou bonito. Dá pra botar sapato de bico fino, mas não é paixão.

Pace, você vai ver na fita a praiazinha do nosso primeiro encontro. Aí, quando você sentir o cheiro do mar – naquele dia o mar tinha o cheiro de livramento – guarda o aroma, o aroma daquele mar. Daquele dia, isso foi o que ficou em mim, e também, é claro, aqueles tolos albatrozes que ficaram vendo a gente se amar. Naquele dia eu limpei todos os meus dias passados sob as cobertas e os travesseiros da soli-

dão. Também observe que o filme traz um momento de nos aquietar sonâmbulos às três da manhã, embaixo da luz de néon de uma rua qualquer. Quase com certeza, era uma luz de anjo protetor. Entrava no meu, seu corpo e levitava o pensamento, perdido na noite extremamente calada, só o som da luz entrando, entrando nos poros da calçada, dos prédios, alimentando asfalto, paredes, toda a constelação.

Finalmente ontem apareceu por aqui uma moça. Uma moça de alparcatas. Muito assustada, muito tímida. Não tive lá o desejo de colocá-la no colo porque a história ficaria muito entediante. Preferi lhe servir chá de erva de Santa Maria, e não tivemos muito assunto, e foi o melhor que podia acontecer entre nós, porque se criou um clima mais franco e nós pudemos, calados, ficar achando um monte de coisa da vida. As pessoas aqui estão cansadas. Tiram baldes de suor do pensamento.

Outra coisa da fita. Na nossa segunda pizza, separa aquela parte aliche do meio aliche e mussarela. Guarda na geladeira. Melhor, congela para comer no sábado. Aquilo me ardeu o palato, afrodisíaco pra danar. Pode conferir aí, a noite do dois de maio daquele ano.

Aqui me chamam. Ontem procurei ônibus para voltar. Ninguém me dá informação, viram o rosto, acham graça. Às vezes chega um novo morador. Mas é só chuva e sol, inverno e verão...

NELSON MARAJÁ já foi redator e revisor de alguns jornais de bairros, onde publicou poesia e fez reportagens sobre literatura e arte. É bibliotecário e tem três trabalhos em processos de edição: *Caderno das almas* (contos), *Canção natural da chuva* e *Transfinito* (poesia).

O LIVRO DE ESTHER

A rainha Esther, personagem do livro bíblico que tem seu nome, é uma mulher de valor, inteligente e defensora do seu povo. Conseguiu libertá-lo da opressão na Pérsia. Para comemorar o feito, criou-se o Purim – a Festa dos Sorteios. Uma das etimologias de “purim” é “quebrar em pedaços”, “pequenos fragmentos”. Na festa figuram máscaras e paródias, e um de seus símbolos é revelar as contradições da vida.

Maria Esther Maciel, não judia mas leitora apaixonada da mitologia bíblica e de outras mitologias, acaba de publicar *O livro dos nomes*, catalogado como contos. Entretanto, ele pode e deve ser lido também como romance, dada sua condição de gênero híbrido. Nas fronteiras entre o ficcional e o factual, tem ainda o estatuto da mitologia familiar. Tal como na Festa dos Sorteios, as personagens são máscaras. Os significados atribuídos a seus nomes pela autora – tanto dicionarizados quanto inventados – muitas

vezes não correspondem ou se opõem às características delas. Eis as contradições da vida, bem entendidas por Zenóbia, protagonista que retorna a esta obra: “[...] nenhuma palavra pode explicar a vida de uma pessoa [...]”. E, culminando, está ancorada em paródias à concepção teórico-estrutural do livro: retratos quebrados em pedaços, formados de fragmentos que se articulam entre si, subvertendo as urdiduras da trama tradicional.

O livro dos nomes constitui-se de vinte e seis histórias curtas que se entrelaçam, cada qual dividida em quatro partes e precedida por um texto explicativo da etimologia do nome próprio – homens, mulheres e um cão –, nome esse que dá título a cada história. Graças à qualidade do discurso literário atestado na obra anterior – *O livro de Zenóbia*, cuja protagonista agora é a detentora do material narrativo deste – nem é necessário dizer do talento da escritora no trabalho com a linguagem *strictu sensu*.

Caracterizado sumarissimamente *O livro dos nomes*, gostaria de especular sobre alguns dos caminhos de sua elaboração e que, acredito, tenham sido percorridos por Maria Esther Maciel em sua condição de professora de Teoria da Literatura na Universidade Federal de Minas Gerais. Começemos pelo título. Aí ela preferiu seguir uma pequena variação d’ *O livro de Zenóbia*, porém numa tradição religiosa-mágico-mítica, a qual vem desde a Idade Média e que funciona muito bem nesta nova narrativa. Dialoga, também, com outras obras de mesmo título.

É o caso d’ *O livro dos nomes*, de Regina Oblata (2002), que trata de etimologias – ingrediente essencial no trabalho de Maria Esther. É também o caso do fictício *O livro dos nomes mortos* (*O Necronomicon*), do norte-americano H. P. Lovecraft (1890-1937), que tematiza sobre operações ritualísticas de magia, inclusive objetivando a ressurreição de pessoas, contribuindo para isso a grafia de

nomes – em caracteres árabes, pois seu autor, também fictício, é Abdul Al-Hazred. Se, por um lado, Esther Maciel trabalha com as etimologias dos nomes, por outro lado ela substitui sua grafia pelos seus destinos, roubados de Zenóbia pelo(a) narrador(a).

Esta é a epígrafe do livro, extraída de J. M. Coetzee: “Quando a morte corta todos os laços, permanece o nome”. Remete à permanência, através do nome, daquele que se foi. Trabalhar o nome é, portanto, uma forma de ressuscitar o seu dono, no sentido literal ou metafórico. Assim, *O livro dos nomes* de Esther Maciel é a vareta central de um leque de livros, dentro e fora da narrativa. Dentro: Hildegarda teve publicado *O livro dos méritos da vida*, e Lídia pensa dar de presente *O livro de ouro do suicídio*. Fora: livros de vida, morte, religião, esoterismo, genealogias, biografias e autobiografia, em suma: o suporte da escrita em sua eterna reescritura.

Nas pegadas do “Livro de Esther”, pode-se agenciar outro livro da Bíblia. O “Livro dos números”, centrado em Moisés e seu povo, nos traz como temática a questão da incredulidade impedindo a chegada de uma vida abundante. Ora, o deslocamento de “nomes” para “números” e vice-versa pode ser explicado pela psicanálise. Uma leitura atenta d’ *O livro dos nomes* vai revelar personagens incrédulas e, por consequência, suas vidas pautadas pela escassez, numa diversificação de alegorias, várias delas evocadoras das cartas do Tarô.

Assim, “O Livro de Esther” e “O Livro dos números” confluem para este Livro de setenta e oito nomes – excluída a guardiã Zenóbia – exatamente o mesmo número das cartas do baralho completo do Tarô. E mais: *O livro dos números*, do músico e numerólogo brasileiro Johann Heyss, combina o simbolismo dos números com as cartas desse baralho. Os setenta e oito nomes de Maria Esther giram na Roda da Fortuna – conjunto de cartas das repentinas mudanças de vida, de perdas e crises. Mas outras cartas desse jogo milenar

se abrem n’ *O livro dos nomes*: entre elas, as dos encontros, desencontros, amores, desamores, suicídio, loucura. Assim, os nomes e seus destinos vivem e convivem calvinianamente, num castelo ou numa taverna, ou melhor: em cidades brasileiras.

Nessa união de campos do sagrado e do mágico/esotérico, explica-se a questão das quatro partes, numeradas, de cada capítulo, que guardam as mesmas medidas. Tanto pode apontar para os quadrângulos da Quiromancia, na interpretação das linhas da mão, quanto para o quadrângulo da Igreja do Evangelho Quadrangular, como mais um ingrediente mítico-místico da obra. Observe-se que a fundadora da igreja, Aimee Semple Macpherson, nasceu no mesmo ano em que o autor d’ *O Necronomicon*, e que o nome da igreja evoca certo esoterismo, ainda que remeta ao quadrângulo “Cristo Salvador, Batizador, Médico e Rei que voltará”.

A mesma Zenóbia da narrativa anterior está por inteiro, no último capítulo de *O livro dos nomes*. Aí se declara que, “Ao optar pelo gênero ‘retrato’ para descrever seus personagens, Zenóbia procurou ler Schwob, Cioran, Machado, Flaubert e Borges”. Aqui a própria autora, sob disfarce, nos dá a chave de seus dialogantes literários e do seu experimentalismo com a paródia do gênero biográfico. Por falta de espaço, vou tratar apenas do primeiro.

Schwob escreveu *Vidas imaginárias* (1896), com prólogo de Borges, também adepto do mesmo tipo de discurso. O autor francês pinta retratos biográfico-imaginários de personalidades, assim resumidos por Borges: “Os protagonistas são reais; os fatos podem ser fabulosos, e não é raro que eles sejam fantásticos” (traduzi). No prefácio, o próprio Schwob diz que os seus perfis são máscaras, verdadeiras ficções biográficas. Evocando Schwob, Esther Maciel apropria-se de pessoas reais para traçar-lhes situações biográficas imaginárias e inventa seres aos quais acopla elementos biográficos de figuras existentes.

Exemplificando: José Olympio (marido de Maria Esther na vida real) é sobrinho de Zenóbia. Ricardo, filho de Maria Esther, é amigo de Lídia, sendo que esse amigo também pode ser Ricardo Godoy, o argentino ilustrador da obra de Schwob.

A indecisão do gênero e o hibridismo são homólogos a esse vai-e-vem do ficcional para o factual e vice-versa. E mais: aliada à paródia dos “Livros” mítico-mágicos, comparece a paródia de uma concepção de História enquanto epopéia de antropônimos, através de parentescos e relacionamentos obsessivamente “desordenados”, ou seja, espalhados pela narrativa. Um exemplo: Sílvia é mãe de Eugênia, mãe de Vanessa, esposa de Antônio, amiga de Rita, tia de Catarina, ex-namorada de Murilo, irmã de Nise e mãe de Ulisses – laços que são registrados um a um, nessa ordem, disseminados da primeira à última página. O leitor se insere no quebra-cabeças do jogo narrativo e com ele se diverte.

Dessa forma, Maria Esther Maciel, carreando para sua narrativa livros de nomes (e números), pratica uma arte poética de retratos e destinos. Ficção, História e Sobrenaturalidade no hibridismo da biografia que é também autobiografia, da religião que também é magia, da etimologia falsa e verdadeira, dos paratextos, das relações interpessoais sob amores fáceis e difíceis, enfim, da vida vivida e da vida imaginada. E, sobretudo e principalmente, uma arte da escrita plena de iluminuras, cliques, verbetes, ditos antológicos. Arte em que, para nosso prazer, embaralharmos não só as Cartas do Mistério da Vida. Mas também “as folhas dos infólios”, como diria Macbeth pela boca de Italo Calvino, na última frase de *O castelo dos destinos cruzados*.

LETÍCIA MALLARD é Professora Titular Emérita da Universidade Federal de Minas Gerais. Seus últimos livros publicados são *Um amor literário e Literatura e dissidência política*.

LIVROS E LEITORES ARNON SÁVIO DE OLIVEIRA

Ah, sim! Músicos, ao contrário do que uma boa parte das pessoas acredita, também lêem. Pelo menos, aqueles que, como eu, tiveram a sorte de conviver com mestres antigos. No meu caso, o contato com o Maestro Sérgio Magnani, grande italiano mais mineiro do que muitos que aqui vivem, foi fundamental para uma paixão pela leitura que extrapola, e muito, o universo da partitura musical.

Dizia ele que o contato com os mestres da filosofia era imprescindível para o entendimento necessário a qualquer maestro do que concerne à arte da condução de grupos, mas ditava uma norma interessante: que demanda tempo e paciência a qualquer um, o que, é claro, não vem ao encontro das formações em alta velocidade dos tempos modernos. Mas, ensinava ele que, antes de ler os filósofos, é necessário passar por duas etapas de leitura: a primeira, a leitura mais extensiva possível dos mestres de sua língua; a segunda, a leitura mais extensiva possível dos mestres universais; e, aí sim, entrar em contato com os clássicos (como ele chamava os mestres da filosofia).

Anos foram necessários para que o entendimento de que boa parte da música sacra, de vários compositores, da renascença até o romantismo, baseava-se intrinsecamente na *Divina comédia*, de Alighieri, para que a lembrança de Magnani viesse como uma lágrima que traz, de dentro do coração, a lembrança do precioso presente de um mestre.

Mas, mesmo depois de vários Machados e Azevedos (sendo *O cortiço* o livro de cabeceira) e de Dantes e Shakespeares, cabe citar um que, específico da música, mudou a minha maneira de pensá-la interpretativamente, por se tratar do livro deixado por ele próprio: *Expressão e comunicação na linguagem da música*.

Escrito num período em que o maestro gozava de uma consciência musical muito além da compreensão da maioria, esse livro tem como objetivo atender a dois mundos muito específicos; é um livro escrito para os homens de cultura, capazes de entender

os primeiros capítulos, nos quais Magnani discorre sobre Estética Musical e, o que mais importa a ele nesse livro, a Fruição Musical; e é também escrito para os estudantes, tão necessitados de informações proporcionadas por um humanista que viveu a música intensamente durante oitenta anos. Em suma, um “manual” formativo.

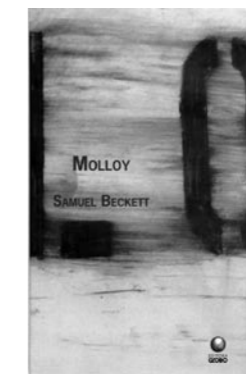
Entendia ele que a Fruição Musical raramente é acompanhada de uma verdadeira tomada de consciência cultural, e que um dos empecilhos era a diversificação da literatura especializada, que se direcionava (e continua ainda hoje) a uma linguagem literária de elevada inspiração, mas propositalmente afastada do concreto sonoro. Reflexo disso é que, a cada dia se produzem mais e melhores músicos no aspecto técnico, mas com, cada vez menos, um conhecimento cultural muito aquém desse desenvolvimento (essa já era uma das reclamações de Magnani, na década de 1990).

Nesse sentido, esse livro foi montado como um direcionador de estudos para a formação de um *músico*, na verdadeira acepção do termo, como era entendido pelo maestro, que fazia uma distinção clara entre instrumentista e músico. Tanto proporciona uma visão geral de estética, história, orquestração e estilística comparada da música, quanto orienta na busca das informações necessárias para um aprofundamento em cada um desses pontos.

Finalizando: o que dizer de um livro que, há anos, proporciona, a cada nova leitura, um direcionamento claro e preciso, mas sempre novo, para o conhecimento do universo musical?

Viva Magnani!!!

ARNON SÁVIO REIS DE OLIVEIRA é Mestre em Musicologia pela UNIRIO. Atua intensamente como regente e pianista, dirige coros e orquestras de Minas Gerais, como o Coro Madrigale, do qual é fundador, os corais BDMG e o do Tribunal de Justiça e a Orquestra Sinfônica da Escola de Música da Universidade Estadual de Minas Gerais, onde é professor de História da Música e Harmonia.



MOLLOY

Samuel Beckett
São Paulo: Editora Globo, 2007.

Traduzida e prefaciada por Ana Helena Souza, a reedição do romance que inicia a chamada “trilogia do pós-guerra” de Beckett segue a tendência atual de dar merecida atenção a sua prosa, ofuscada pela sua já tão conhecida dramaturgia. A narrativa, que alterna períodos longos e curtos num ritmo vertiginoso, gira em torno de dois personagens, Molloy e Moran, que se posicionam de forma espelhada e suplementar – um abnegado, outro sistemático; um errante, outro autoritário –, cada um perdido em sua própria trajetória.



MUNDO MÁGICO: COLÔMBIA – POESIA COLOMBIANA NO SÉCULO XX

Floriano Martins e Lucila Nogueira (Organização, tradução e apresentação)
Recife: Bagaço, 2007.

Antologia que passeia pelo lirismo colombiano ressaltando os mais importantes poetas do país em um requintado inventário, que vai dos modernistas aos expoentes nomes da poesia ainda em exercício. Dentre os quarenta poetas escolhidos, cada um representado por cinco poemas, estão Guillermo Valencia, Porfirio Barba Jacob, José Manoel Arango e Amparo Osório. O livro conta ainda com um descontrado prólogo assinado pelos organizadores e uma breve bibliografia de cada escritor.



O QUARTO DAS HORAS

Alfredo Albuquerque
Belo Horizonte: Edição do Autor, 2007.

Em seu primeiro romance infanto-juvenil, o autor do premiado romance *Os círculos* leva o leitor a um mundo de brincadeiras, ora com a linguagem, ora com as ilustrações (assinadas pelo próprio autor), que se mesclam ao imaginário de seu público. Duas borboletas que não se desgrudam, uma boneca mimada e um campo cheio de pipocas são algumas das situações inusitadas que Alfredo utiliza para tecer seu universo lúdico e assim seduzir os leitores.



A CIDADE E AS SERRAS

Eça de Queirós
São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

O clássico romance do escritor português traz, num misto de ironia e riqueza de estilo, os paradoxos da modernidade em fins do século XIX. Partindo da máxima “o homem só é superiormente feliz quando é superiormente civilizado”, o protagonista Jacinto passa por um processo de “descivilização”, contrariando a tendência cosmopolita do autor. Nesta nova edição, o leitor conta com uma apresentação acurada, assinada por Paulo Franchetti, além de notas e comentários de Leila Guenther sobre as peculiaridades da época.



O POETA E A CONSCIÊNCIA CRÍTICA

Affonso Ávila
São Paulo: Perspectiva, 2008 (coleção Debates).

Há anos esgotado no mercado, este livro ganha uma necessária e ampliada terceira edição. Reunindo ensaios escritos entre 1961 e 1973 e destinados, em sua maioria, a jornais e revistas, o livro permeia momentos importantes da literatura brasileira, dividindo-se em dois eixos: a tradição e a vanguarda poéticas. Em apêndice, lê-se ainda dois textos da histórica Semana Nacional de Poesia de Vanguarda, realizada em Belo Horizonte em agosto de 1963.

RICARDO LIMA

CARO ACORDAR

I

acordar
com o silêncio do vento
que deitou neste galho

o filho chorou
mas já dorme

legumes bem regados
prometem

só o tordo
que grita no poema

desequilibra
o sol que nasce mudo

e lambe o cão
que baila a sombra

II

acordar
com o credo ocre
do outono

com o pio de uns pinheiros
olhos
nos primeiros contornos
da paisagem

ajustar olfato
e alfaiate

não querer mapa
guia
vinho ou ira

apenas pia

e água gelada no assovio

RICARDO LIMA é jornalista. Publicou *Primeiro segundo* (Arte Pau-Brasil, 1994), *Chave de ferrugem* (Nankin, 1999), *Cinza ensolarada* (Azogue, 2003) e *Impuro silêncio* (Azogue, 2006). O poema acima integra o livro inédito *Pétala de Lamparina*.

